



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Leandro de Melo Ribeiro

“MULHERES NO FUTEBOL: UMA TRAJETÓRIA DE LUTAS E RESISTÊNCIAS”

Rio de Janeiro

2023

Leandro de Melo Ribeiro

“MULHERES NO FUTEBOL: UMA TRAJETÓRIA DE LUTAS E RESISTÊNCIAS”

Monografia apresentado à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz
(EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para
aprovação no Curso Técnico em Biotecnologia

Orientadora: Nathalia Barros

Rio de Janeiro

2023

Leandro de Melo Ribeiro

“MULHERES NO FUTEBOL: UMA TRAJETÓRIA DE LUTAS E RESISTÊNCIAS”

Monografia apresentado à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz
(EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para
aprovação no Curso Técnico em Biotecnologia

Aprovado em 04/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Nathália da Rocha Corrêa Barros
EPSJV/FIOCRUZ

Rosangela Silveira de Carvalho
UFRJ

Simone Goulart Ribeiro
EPSJV/FIOCRUZ

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus que esteve comigo em todos os momentos e não digo somente nesses longos 4 anos na escola politécnica de saúde Joaquim Venancio, mas sim em todos os momentos da minha vida onde ele me viu querer parar e apareceu para não me fazer desistir.

Queria agradecer a minha orientadora Nathalia Barros por ter me acompanhado em todo o meu processo de desenvolvimento da monografia, com conselhos e saberes passados. Foi um processo difícil mas acredito que por conta da Nathalia esse processo se tornou mais leve e divertido.

Gostaria de agradecer também ao meu pai que fez todos os esforços possíveis para que eu tivesse o melhor sempre, agradecer por todo amor depositado sobre mim. Obrigado pai por ser minha base e inspiração te amo.

Agora queria agradecer a mulher mais importante desse mundo pra mim, minha mãe, a mulher que mais me deu forças para eu não desistir de tudo, que sempre esteve segurando a minha mão não importa o que aconteça.

As minhas irmãs por todo apoio dado e mesmo quando parecia tudo difícil elas me mostraram como enfrentar todas as situações de forma tranquila, obrigado Luana por todo o carinho que teve comigo, e a Eleticia por sempre acreditar no meu potencial e me mostrando que eu sou capaz de tudo que quiser fazer.

Queria fazer um agradecimento especial aos tios do apoio escolar Tayrone e Ronaldo, por terem chegado a tempo no banheiro e conseguido me salvar em um momento muito delicado, serei eternamente grato a vocês.

E por fim o agradecimento mais especial para aqueles que estiveram comigo durante esses 4 anos, passando por todas as dificuldades de mãos dadas comigo. Na politecnica eu aprendi que tem amigos mais chegados que irmãos, e desses eu fiz alguns, obrigado Luan Tavares, Leticia Reis, Amanda Luiza, Alice quirino, Pedro Yago, Josimara Freitas e João Gabriel.

*O esporte, para
sempre, será a força
da alma e o respiro
do corpo.
(Kim Rhode)*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a baixa representatividade das mulheres no futebol. Para tanto, buscaremos analisar o processo de inserção das mulheres no esporte . Buscando compreender a história da luta e da resistência para ocupar esse espaço; as percepções de gênero presentes no esporte nos dias atuais, assim como compreender os preconceitos e as desigualdades de gênero produzidos pelo patriarcado; Como metodologia utilizaremos a abordagem qualitativa, procurando atingir os objetivos geral e específicos, usando como estratégias de pesquisa a revisão da literatura científica por meio de buscas de artigos científicos, livros e trabalhos disponibilizados nas bases de dados como SciELO e *Google* acadêmico.

Palavras-chave: mulheres. Esporte. Relações de gênero. Patriarcado. Representatividade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1. OBJETIVOS	19
1.1.1. OBJETIVO GERAL.....	19
1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
2. METODOLOGIA	20
3. CAPÍTULO 1- Onde tudo começou	21
4. CAPÍTULO 2- Preconceitos sociais	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as mulheres têm enfrentado obstáculos significativos para sua participação no esporte. Desde os Jogos Olímpicos da Antiguidade, onde apenas os homens podiam competir, até as batalhas das atletas norte-americanas em 1912 para participar de modalidades que não exigissem saias longas, a presença das mulheres no esporte tem sido marcada por desigualdade e discriminação de gênero (ANA MIRAGAYA, 2007).

A valorização e o reconhecimento das mulheres no mundo dos esportes foram historicamente, e ainda são, um desafio para as mulheres. Apesar dos avanços, no que diz respeito à inserção e a participação das mulheres nos esportes de maneira geral, verifica ainda nos dias de hoje o não reconhecimento, a invisibilização e a desvalorização das mulheres nestes espaços fazendo assim com que elas tenham que reafirmar a todo o momento a sua capacidade e de que são merecedoras, tanto quanto os homens, da prática esportiva. Para entendermos um pouco mais sobre isso, é necessário analisar toda a trajetória na luta pela inserção no mundo esportivo, numa sociedade estruturada pelo patriarcado e pelo machismo.

De acordo com Berbade e Quirino (2018), a inserção das mulheres no esporte data da antiguidade, traçam uma trajetória na qual avaliam a participação das mulheres desde os Jogos Olímpicos da Antiguidade (776 a. C a 393 d.C.), - as chamadas Panatéias, que eram considerados o evento esportivo mais importante na Grécia antiga, nos quais somente os homens podiam participar - O que podemos observar na análise das autoras é que esta trajetória é marcada pelo poder e dominação masculina, assim como pela desigualdade, pela submissão e por obstáculos para as mulheres alcançarem respeito e igualdade. Nos diversos contextos apreciados por elas é possível verificar que a exclusão, restrições e proibições à participação das mulheres estavam vinculadas ao papel social imposto a estas pelo patriarcado. Cabe destacar a resistências das mulheres a esta opressão,

“Nos Jogos Olímpicos de 1912, em Estocolmo, depois de uma batalha que durou vários anos permitiu-se a participação feminina em provas de natação, entretanto as atletas norte-americanas foram impedidas de competir, pois o Comitê Olímpico Americano (COA) não permitia que elas participassem de modalidades que não usassem saias longas, em protesto as tenistas também se recusaram a competir no evento” (ESTER BERNABE; QUIRINO, 2018, pág. 5).

Percebesse que o conceito de patriarcado presente nesse trabalho leva em conta o conceito de o homem ter privilégios na sociedade perante as mulheres. Vale ressaltar a criação da Frente Esportiva Feminina Internacional (FEFI) como um reflexo desta resistência. Frente à negativa do Comitê Olímpico Internacional ao direito das mulheres terem o mesmo programa olímpico que os homens, a francesa Alice Milliat cria essa Frente e em 1922 foi organizada a primeira edição dos Jogos Olímpicos Femininos (ANA MIRAGAYA, 2007).

No Brasil, podemos observar que essa trajetória, apesar das especificidades, não se difere haja vista que a nossa sociedade também tem o patriarcado como um dos seus pilares estruturais. Ludmila Mourão (2000) chama a atenção para uma característica interessante no processo de inserção das mulheres no esporte. Segundo ela, as mulheres brasileiras não se confrontaram diretamente com os homens para entrar nesse espaço, a estratégia utilizada foi a infiltração lenta e progressiva. Destaca-se também em nosso país a luta e resistência das mulheres para garantir a sua participação nos espaços esportivos, nos anos de 1940.

“(…) as práticas esportivas seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções morais e sociais, aderiram a sua prática independente do discurso hegemônico da interdição. Incentivadas ou não a participarem de determinadas modalidades, a ampliação da participação feminina no esporte possibilitou a emergência de algumas competições de grande porte destinadas exclusivamente às mulheres” (SILVANA GOELLNER, 2005, pág. 93)

É possível perceber que a entrada delas no esporte foi considerada como uma ameaça, pois as mesmas vinham ganhando forças em um mundo dirigido por valores masculinos e porque põe em perigo certas características que são consideradas componentes de sua feminilidade como destaca Pardo (2015). A prática de esporte das mulheres começou a ser mais “normalizada” quando médicos divulgaram estudos sobre desenvolvimento do corpo e do “ser” da mulher através da prática de exercícios físicos, até mesmo um bom desenvolvimento em sua maternidade, onde era a mais nobre missão da mulher na época, pois regenerava sua própria sociedade.

A questão da prática de esportes por mulheres e sua relação com a visão da maternidade e reprodução é, de fato, um tema complexo e carregado de significados históricos e culturais. As autoras citadas, Silvana Goellner (2005) e Ludmila Mourão (2000), abordam essa problemática no contexto da crítica ao modo como a prática esportiva feminina foi historicamente enquadrada.

Em muitos momentos da História, as mulheres foram associadas predominantemente ao papel de mães e cuidadoras, sendo sua identidade muitas vezes definida em termos de sua

capacidade reprodutiva. A ideia de que a prática esportiva poderia contribuir para um melhor desenvolvimento materno poderia ser vista como uma tentativa de justificar a participação feminina no esporte dentro dos limites aceitáveis pela sociedade patriarcal da época (LUDMILA MOURÃO, 2000).

Essa abordagem, no entanto, é problemática, pois reduz as mulheres a um papel biológico específico e limitado. A maternidade é uma dimensão importante da experiência feminina, mas reduzir as mulheres apenas a essa função desconsidera a diversidade de papéis e identidades que as mulheres podem assumir. Além disso, tal perspectiva pode reforçar estereótipos de gênero prejudiciais e limitar as oportunidades e escolhas das mulheres. Ao problematizar essa situação, é importante considerar como essas representações históricas afetaram a forma como as mulheres eram vistas na sociedade, influenciando suas oportunidades, direitos e liberdades. Também é relevante analisar como as narrativas sobre a relação entre esporte e maternidade podem ter moldado as expectativas em torno do corpo feminino e suas capacidades (GOELNNER, 2005).

Por ser uma atividade hegemonicamente ainda gerenciada por homens, coloca-se em dúvida a capacidade das mulheres para as práticas esportivas. Para entendermos um processo, é necessário analisar mais profundamente toda a trajetória na luta pela inserção das mulheres no mundo esportivo. No cenário de um país constituído por valores majoritariamente machistas, tornou-se suscetível a necessidade da criação de um movimento feminista do final do século XIX para o começo do século XX, com a finalidade de lutar contra a distinção de gênero devido à imposição do imaginário racial de que as mulheres são inferiores aos homens e diante da imposição de seu lugar de pertencimento único e exclusivamente funcional ao ambiente doméstico, tais perspectivas impulsionam a propagação da luta que representava uma parcela a simplificativa da sociedade que não obtinha espaço em determinados locais, como no âmbito estudado.

Com o movimento feminista e as mulheres ganhando espaço na sociedade, o discurso pautado era de que mulheres perderiam sua ‘feminilidade’ caso fizessem tarefas atribuídas “naturalmente” aos homens. A inserção das mulheres em espaços entendidos como espaços “masculinos” foi vista como uma invasão do mundo masculino. Simone Beauvoir, escritora francesa, foi uma figura importante para a luta pela liberdade feminina e a problematização desse “mundo masculino”. Nos seus escritos, está intelectual afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, com o propósito de encorajar mulheres a não se prender aos parâmetros impostos pela sociedade e sim lutar pelo seu espaço na mesma, incluindo o mundo esportivo.

Mesmo com os espaços alcançados na sociedade mediante as lutas das mulheres persiste, ainda, uma segregação de atividades de acordo com o sexo. A partir desse histórico, fica evidente as dificuldades e lutas travadas pelas mulheres na sociedade para sua introdução nas práticas esportivas. Apesar do aumento da participação das mulheres no esporte, temos que olhar com mais cautela as condições que essas mulheres passam nesse meio esportivo, como o não reconhecimento que merecem.

Nesse sentido, nossa pesquisa se concentra em responder à seguinte pergunta central: Como as mulheres têm superado as barreiras impostas pelo patriarcado no mundo do esporte e quais são os desafios que ainda persistem?

Este trabalho é motivado pela necessidade de destacar a persistente desigualdade de gênero no esporte e a importância de reconhecer e valorizar as conquistas das mulheres nesse campo. Além disso, como pesquisador e homem, estou ciente da minha responsabilidade em contribuir para o entendimento dessas questões e promover mudanças positivas.

OBJETIVOS

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Geral

- Analisar a história de luta e resistência das mulheres no futebol, destacando os marcos e os desafios enfrentados ao longo do tempo.

1.1.2 Específicos

- Investigar o processo de inserção das mulheres no esporte, com foco em um esporte específico (futebol) no contexto brasileiro.
- Examinar as percepções de gênero presentes no esporte, e identificar preconceitos e desigualdades de gênero que afetam a participação das mulheres.
- Compreender a baixa representatividade das mulheres no esporte

2. METODOLOGIA

O referente trabalho refere-se a uma pesquisa qualitativa e foi realizado através de uma revisão literária com o foco voltado para a compreensão da baixa representatividade das mulheres no esporte e identificar preconceitos e desigualdades que atravessam o mesmo. Para tal, acessamos as bases de dados: Lilacs, Google acadêmico e Scielo e com base nesses bancos de dados consigo concluir 3 capítulos que atravessam desde as dificuldades passadas para sua entrada nas olimpíadas até a desigualdade de gênero e patriarcalismo presente na sociedade em que vivemos. Com isso foi buscado responder o objetivo geral de maneira clara ao decorrer do capítulo 1 onde mostra a entrada das mulheres no esporte e continuando no capítulo 2 com os preconceitos enraizados na sociedade.

3. ONDE TUDO COMEÇOU

Em 1896 aconteceram os primeiros Jogos Olímpicos na era moderna, Barão de Coubertin um francês que foi nomeado como o pai das olimpíadas modernas, resolveu voltar com as olimpíadas com a finalidade de unir o mundo através do esporte (ANA MARIA CAPITANIO,2005). Com forte influência dos Jogos Olímpicos da Era Antiga que ocorriam na Grécia, resolveu-se que a primeira edição dos jogos olímpicos da era moderna também seria em territórios gregos, o príncipe grego da época super apoiou a causa e deu total força para que os jogos acontecessem em seu país.

Embora o objetivo principal dos jogos seja a união entre os povos e culturas, mulheres não participavam dessas práticas, porém sua inserção no esporte já havia acontecido nos jogos gregos da antiguidade com as Heraeas, as Hereas era um torneio paralelo somente com mulheres que acontecia a cada 4 anos. A Grécia passava por um momento de conflitos internos, então foram desenvolvidos os jogos em Olímpia com a finalidade de promover a paz. A cada 4 anos as Cidades-Estados gregas paravam as guerras e apreciavam os jogos, como o das Heraeas (ANA MARIA CAPITANIO,2005).

Nos jogos Olímpicos da Era Moderna, com a proibição das mulheres de participarem dos jogos olímpicos de 1896, Stamati Revithi uma corredora grega correu um total de 42 km em uma maratona, porém não pode cruzar a linha de chegada pois era uma mulher, percebesse que tal ato foi de extrema importância como forma de incentivo para outras mulheres. Stamati Revithi entrou para a história por ser a primeira mulher a confrontar a ideologia do esporte masculino.

Nessa mesma época surgiam movimentos feministas pelo mundo todo, com a finalidade de lutar para obter seus direitos igualitários aos homens, como sua inserção na política e na economia. Através destes movimentos as mulheres foram conseguindo aos poucos seus espaços, espaços esses denominados “masculinos”, uma dessas conquistas foi o direito ao voto. Por meio desses direitos reivindicados, outras mulheres se sentiram incentivadas a lutar e ir para às ruas nas manifestações a fim de obter seus direitos. Com as mulheres ficando cada vez mais ativas em seus países, tais lutas também não deixariam o direito de praticar esporte de lado, tal como citado acima Stamati

Revithi foi um passo importantíssimo para que outras mulheres tivessem a possibilidade de praticar o esporte.

As conquistas foram tantas que houve uma pressão de tamanha expressão na sociedade que a pergunta que se fazia não era mais se a mulher participaria das olimpíadas, e sim quais esportes elas praticariam (ANA MIRAGAYA,2009).

É possível perceber tal realidade quando analisamos em paralelo ao Rugby, cujo esporte foi aclamado como mecanismo ideal de educação e socialização dos futuros líderes militares e administrativos da nação britânica e veículo de imposição e expressão da virilidade (DUNNING, 1985b, *apud* FRANCISCA SILVA, 2020). Assim como nos demais esportes no Rugby não seria diferente, com a entrada de mulheres no esporte, os homens se sentiram ameaçados a perderem suas posições e tiveram como reação mais uma vez a referência da mulher como o sexo frágil (DUNNING, 1985b, *apud* FRANCISCA SILVA, 2020).

É notório um certo medo masculino na perda do seu prestígio e poder em sociedade, nesse sentido, será que não seria esse o motivo de tantas brigas travadas pelos homens? Ainda que esse questionamento seja legítimo, há outros motivos que ocasionam, e sucedem por anos, o afastamento da figura feminina no meio social. Tanto Carmen Lúcia Soares em sua obra (2003) quanto Silvana Goellner em suas contribuições, incluindo aquelas de 2005, trazem importantes reflexões sobre questões de gênero, sexualidade e esporte, lançando luz sobre desafios e oportunidades dentro desses campos.

Carmen Lúcia Soares (2003) aborda a educação física e o esporte sob a perspectiva da sexualidade e da pedagogia. Ela destaca a importância de considerar as dimensões de gênero e sexualidade na educação física, evidenciando como as identidades de gênero e as orientações sexuais desempenham um papel crucial na experiência das pessoas em ambientes esportivos e de atividade física. Carmen Lúcia Soares ressalta a necessidade de uma abordagem inclusiva e não discriminatória, reconhecendo que estereótipos de gênero e preconceitos sexuais podem afetar negativamente a participação das pessoas em atividades esportivas.

Silvana Goellner (2005), por sua vez, tem desempenhado um papel significativo na pesquisa e na produção de conhecimento sobre gênero, esporte e políticas públicas. Em suas contribuições mais recentes, Goellner aborda a importância de políticas de igualdade de gênero no esporte e na educação física. Ela enfatiza como a promoção da igualdade de gênero no esporte não

apenas atende a critérios de justiça e equidade, mas também é fundamental para o desenvolvimento sustentável do esporte e para a construção de uma sociedade mais justa.

Frente às mulheres, as práticas de dominação geralmente pautam-se no sexismo e acontecem baseadas principalmente na falácia da supremacia biológica masculina. Discursos eugenistas e clássicos filosóficos preconizaram durante séculos o homem cis, hétero e branco como ideal biológico e social, dotando-o de representações universais associadas ao ideal perfeito e proximidade ao sagrado. (OTINIANO VERISSIMO, 2014 *apud* CORTEZ, 2019)P

Tanto Carmen Lúcia Soares quanto Silvana Goellner compartilham a visão de que o esporte e a educação física devem ser espaços inclusivos, onde todas as pessoas, independentemente de seu gênero ou orientação sexual, possam participar plenamente. Elas destacam a importância de políticas e práticas que combatam o sexismo e a homofobia nos esportes, permitindo que todos tenham a oportunidade de desfrutar dos benefícios do exercício físico e da participação esportiva.

Desta forma, Carmen Lúcia Soares (2003) e Silvana Goellner (2005) contribuem para o debate sobre gênero, sexualidade e esporte, enfatizando a necessidade de uma abordagem inclusiva e igualitária no mundo do esporte e da educação física. Suas obras nos inspiram a refletir sobre como podemos criar ambientes esportivos mais justos e acessíveis para todas as pessoas.

4. PRECONCEITOS SOCIAIS

O patriarcalismo é um sistema social profundamente enraizado na história da humanidade, onde os homens detêm autoridade predominante sobre as mulheres em diversas esferas da vida, incluindo a política, a economia, a religião e a família. Esse sistema tem sido responsável por inúmeras desigualdades de gênero ao longo dos séculos, resultando em uma série de consequências negativas para as mulheres e a sociedade como um todo. O mesmo perpetua normas de gênero discriminatórias que limitam o potencial das mulheres. Expectativas preconceituosas sobre os papéis e capacidades de homens e mulheres são impostas pela sociedade. Estas normas de gênero reforçam estereótipos prejudiciais que podem restringir o acesso das mulheres a oportunidades e recursos (FLAUSTINO, 2000).

Por exemplo, a ideia de que as mulheres devem ser predominantemente responsáveis pelos cuidados domésticos e familiares restringe sua capacidade de buscar carreiras ambiciosas e contribuir de maneira igualitária para a economia. Além disso, o estigma social associado a homens que desempenham papéis tradicionalmente femininos, como o de cuidadores, perpetua a desigualdade de gênero e a discriminação (CASTELLS, 2000).

Essa ideologia está presente até nos esportes, como é o caso do futebol. Sabe-se que esse esporte é globalmente amado e apaixonante que, no entanto, não está isento das desigualdades de gênero que persistem na sociedade em geral. Historicamente, o futebol tem sido um território dominado por homens, o que tem levado a barreiras significativas para o acesso de mulheres a oportunidades de jogar em níveis competitivos. Além disso, o futebol muitas vezes é permeado por comportamentos sexistas nas arquibancadas e na cobertura midiática (DANIELLE ZULQUES, 2023).

Ainda segundo Danielle Zulques (2023), historicamente, o futebol feminino tem enfrentado inúmeras barreiras. A falta de investimento em equipes femininas é uma questão crítica. Enquanto as equipes masculinas recebem patrocínios generosos e recursos substanciais, as equipes femininas muitas vezes enfrentam dificuldades para encontrar financiamento, instalações adequadas e apoio técnico. Essa disparidade de recursos afeta diretamente o desenvolvimento e a competitividade do futebol feminino. Além disso, os salários desiguais em comparação com os jogadores masculinos são uma realidade preocupante. As jogadoras profissionais muitas vezes recebem salários muito

menores do que seus colegas masculinos, apesar do sucesso e do esforço equivalente. Essa disparidade salarial reflete as normas de gênero que desvalorizam o trabalho das mulheres no esporte.

Segundo Melina Séfora Souza; Larissa Maux; Ana Andrea Reboucas (2019), a falta de visibilidade do futebol feminino também é uma questão crítica. Enquanto as competições masculinas recebem ampla cobertura midiática e atenção do público, as competições femininas muitas vezes recebem menos espaço na mídia. Isso não apenas prejudica as oportunidades das jogadoras, mas também perpetua a ideia de que o futebol masculino é superior e mais importante. O sexismo nas arquibancadas e na cobertura midiática é um problema profundamente enraizado no mundo do futebol. Torcedores frequentemente lançam insultos sexistas contra jogadoras e torcedoras, perpetuando um ambiente hostil e desrespeitoso para as mulheres no esporte. Comentários misóginos e objetificação de jogadoras são comuns, refletindo estereótipos de gênero prejudiciais.

A cobertura midiática muitas vezes enfatiza a aparência das jogadoras femininas em vez de seu talento e conquistas esportivas. Isso contribui para a objetificação e subestimação das mulheres no futebol, impedindo que suas habilidades e realizações sejam reconhecidas plenamente. As desigualdades de gênero no futebol, incluindo a falta de investimento, salários desiguais, falta de visibilidade e o sexismo nas arquibancadas e na mídia, são problemas que precisam ser enfrentados.

O futebol tem o potencial de ser uma força para a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres, mas isso requer a superação de estereótipos, a promoção de oportunidades iguais e o combate ao sexismo em todas as suas formas. A mudança é possível, e muitos movimentos e organizações estão trabalhando para criar um ambiente mais inclusivo e igualitário no mundo do futebol. Isso não apenas beneficiará as jogadoras e torcedoras, mas também enriquecerá o esporte como um todo (MELINA SÉFORA SOUZA; LARISSA MAUX; ANA ANDREA REBOUCA, 2019).

No entanto, ao longo dos anos, é visto que as mulheres têm se inserido cada vez mais nos estádios de futebol. Não só como torcedoras, mas também como jornalistas, fotógrafas e até nas narrações de jogos. Mas a inserção da mulher no meio futebolístico começou a partir do século XIX, mesmo só tendo uma participação ampliada e frequente no início da década de 70. As mulheres conquistaram esses espaços depois de muita luta, contra todo tipo de machismo e patriarcalismo, que ainda existia no país. Para a sociedade, a mulher foi criada para ser dona de

casa e cuidar dos filhos, mas elas vêm mostrando que também podem fazer parte deste ambiente culturalmente denominado para os homens. Segundo Silvana Goellner (2005),

a cultura não permitia que as mulheres frequentassem os estádios, mas que aos poucos isso foi mudando. [...] No Brasil, até meados do século XIX, a estrutura extremamente conservadora da sociedade não permitia às mulheres grande participação em alguns ambientes sociais, dentre eles o esportivo, uma vez que eram criadas para serem esposas e mães. Gradativamente esse quadro começa a mudar (SILVANA GOELLNER, 2005, p. 88).

Depois de anos tentando se inserir no ambiente que culturalmente foi denominado masculino, as mulheres travam uma luta constante para seguir com o sonho de ser uma profissional do futebol, sem ser perguntada se entende ou até mesmo ser assediada. Diante disso, há diversas situações machistas que ocorrem não só dentro de campo como também fora. Um caso não tão distante e bastante alarmante foi o que aconteceu na Copa do Mundo de 2018, na Rússia. Ao se preparar para entrar ao vivo, a jornalista Júlia Guimarães, da TV Globo, sofreu assédio de um torcedor que estava no local e tentou beijá-la. Após vários casos de assédio de torcedores para com as jornalistas, elas buscam apoio umas nas outras.

Com isso, a jornalista esportiva, Bruna Dealtry, teve a ideia de criar um movimento, após ter sido mais uma vítima, durante uma transmissão ao vivo. Foi alcançado por diversas outras jornalistas e até por outras profissões. A Campanha “Deixa Ela Trabalhar” foi uma ação que repercutiu tanto aqui no Brasil como em outros países e permite mostrar a outras jornalistas que não estão sozinhas. Para conseguir combater o machismo, que está enraizado na sociedade desde os séculos passados, elas lutam juntas para mostrar que os estádios de futebol também são lugares que elas podem frequentar, trabalhar e amar.

Mesmo estando, ainda, em desvantagens, elas procuram estar focadas no trabalho para que todo tipo de assédio não as derrube, atrapalhe ou até mesmo faça desistir do que amam. O fato das mulheres estarem em busca do espaço nesse meio, não dá direito aos homens de desmerecerem o trabalho delas, muito menos assediá-las enquanto o executam.

Os principais destaques se dão pela questão dos preconceitos recorrentes no futebol feminino, dado que a sociedade ainda não tem um entendimento claro sobre essas práticas esportivas, deixando assim que os argumentos fiquem repetitivos e incoerentes a respeito das mulheres com a prática da modalidade, onde o discurso seja de gênero ou pela falta de incentivo - é recorrente no discurso das entrevistadas.

O enfrentamento do desinteresse por parte do público, a espetacularização dos primeiros jogos, o preconceito acerca da sexualidade das atletas sobre a masculinização das mulheres atletas vem desde os meados do século XIX, numa sociedade sexista e patriarcal sobretudo em área vista por eles como reserva masculina. Para tanto, no estudo desenvolvido por Salvani e Marchi Júnior (2016) onde foi entrevistada quatro jogadoras de um clube de futebol amador em Curitiba-PR e que já defenderam a seleção brasileira, buscou-se analisar os relatos acerca das dificuldades enfrentadas pelas mulheres de futebol no Brasil.

Através delas, foi relatado que os preconceitos que mais sofriam eram pela falta de incentivo, por meio de gênero e da sexualidade, e que apesar de existirem preconceitos, eles não seriam suficientes para que pudessem abandonar a modalidade. Já no estudo de Teixeira e Carminha (2013) que tem como objetivo identificar as condições de existência do preconceito de gênero no futebol feminino à luz da literatura científica e discutir os aspectos sócios-culturais que os fundamentam. E por meio de seu estudo, foi concluído que o preconceito sobre as mulheres é causado pela ideia de incompetência e fragilidade.

No mesmo caminho da questão, o estudo de Ferreira e colaboradores (2018) com o objetivo de identificar se existe preconceito com a modalidade no Brasil, onde foi investigado a administração da modalidade e como as jogadoras enfrentaram a situação de preconceito. Concluindo-se que o preconceito no futebol feminino no Brasil ainda é predominante e que um dos fatores que contribuem para o preconceito fica alojado na própria sociedade, a qual criou um padrão e um modo de visão em relação às mulheres.

É possível observar no estudo de Pardo (2015) que tem como abordagem a questão de gênero implantada no futebol feminino brasileiro e o preconceito acerca da sexualidade, além de abordar o caminho tenebroso que o futebol feminino precisou trilhar para conseguir atingir o patamar de ser aceito pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e pela Federação Internacional (FIFA). O estudo também mostra como o futebol feminino se reencontrou no Brasil e mostra o modo como as barreiras estão caminhando aos poucos para serem quebradas em relação a modalidade, já que vem atraindo mais espectadores por meio do desempenho em competições oficiais.

Nessa perspectiva, é fundamental abordar a questão de gênero no contexto do futebol, especialmente no futebol feminino. O gênero desempenha um papel central nas discussões sobre as desigualdades e preconceitos enfrentados pelas mulheres que praticam o esporte.

No futebol, como em muitos outros aspectos da sociedade, os estereótipos de gênero desempenham um papel importante. Tradicionalmente, o futebol foi associado à masculinidade, levando à crença errônea de que as mulheres não são adequadas para a prática do esporte. Esse estigma de gênero é um dos principais obstáculos que as jogadoras de futebol enfrentam (MARIA BARRETO, 2004).

As desigualdades de gênero se manifestam em várias áreas do futebol, incluindo diferenças salariais entre jogadores e jogadoras, falta de investimento na modalidade feminina, menos oportunidades de carreira e patrocínios limitados. Essas desigualdades estruturais reforçam a sub-representação das mulheres no esporte.

O preconceito de gênero no futebol se manifesta de diversas maneiras, desde a discriminação das mulheres nas competições e nos salários até a objetificação de suas aparências e questionamentos sobre sua orientação sexual. A ideia de que as mulheres são menos competentes no esporte persiste em muitos setores do futebol. Apesar dos desafios, muitas mulheres no futebol têm lutado por seus direitos e pela igualdade de gênero no esporte. Isso inclui ações como a busca por salários iguais, a promoção de ligas femininas e o aumento da visibilidade das atletas. O empoderamento feminino no futebol é um passo importante para mudar a narrativa e superar os preconceitos (SOUZA; KNIJNIK, 2007).

Em muitos lugares, a legislação e a regulamentação esportiva estão começando a reconhecer a importância da igualdade de gênero no esporte. Isso inclui a implementação de políticas antidiscriminação e esforços para garantir que as mulheres tenham as mesmas oportunidades que os homens no futebol. Portanto, a questão de gênero no futebol é um tópico complexo que abrange desafios de igualdade, representatividade e preconceito. No entanto, há progressos sendo feitos à medida que mais atenção é direcionada a essa questão e à medida que as mulheres no futebol continuam a lutar por seus direitos e pela igualdade de gênero no esporte. É uma jornada em curso, mas os passos estão sendo dados na direção certa (MARIA BARRETO, 2004).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a história da participação das mulheres no esporte é caracterizada por desafios, resistência e conquistas notáveis. Desde os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna até os movimentos feministas que impulsionaram a entrada das mulheres nos estádios, a trajetória é marcada por superação constante.

A entrada das mulheres no cenário esportivo está intrinsecamente ligada aos movimentos feministas, que buscavam igualdade em diversas esferas da sociedade. Apesar das conquistas ao longo do tempo, persistem desafios significativos. Estereótipos de gênero, a falta de investimento no esporte feminino e manifestações de machismo ainda são obstáculos a serem superados. A análise do futebol, um esporte globalmente amado, revela desigualdades salariais, falta de visibilidade e discriminação contínua.

As contribuições de autoras como Carmen Lúcia Soares e Silvana Goellner destacam a importância de abordar questões de gênero e sexualidade no contexto esportivo. Suas reflexões ressaltam a necessidade de políticas inclusivas e não discriminatórias para criar espaços onde todas as pessoas possam participar plenamente, independentemente do gênero.

A pesquisa proposta busca compreender a baixa representatividade das mulheres no esporte, focando na análise da desigualdade de gênero. Ao investigar a inserção das mulheres em um esporte específico no contexto brasileiro, pretende-se analisar a história de luta e resistência, destacando marcos e desafios enfrentados ao longo do tempo. A pesquisa também visa examinar as percepções de gênero no esporte, identificando preconceitos e desigualdades que afetam a participação das mulheres. Apesar dos avanços, a falta de investimento contínuo e o preconceito enraizado exigem ações mais efetivas em prol da igualdade de gênero no esporte.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, M. P. S. L. Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 1, p. 64-73, dez. 2004. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2363>. Acessado em 01 out. 2023.
- BERNABÉ, E. Q.; QUIRINO, R. **REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DA MULHER NO CAMPO ESPORTIVO**. Editora Realize, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2018/TRABALHO_EV129_MD1_SA27_ID978_20082019092116.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- CASTELLS, Manoel. **O poder da identidade**. Vol. II, Cap. 4, 2000.
- CAPITANIO, A. M. **MULHER, GÊNERO E ESPORTE: A ANÁLISE DA AUTO-PERCEPÇÃO DAS DESIGUALDADES**. Universidade de São Paulo, 2005 Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-25112005-104034/pt-br.php>>. Acessado em 01 out. 2023.
- CORREA, M. **Repensando a família patriarcal brasileira**. São Paulo: Brasiliense, p.15-42, 1982. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1590/1580>. Acessado em 01 out. 2023.
- CORTEZ, P. A.; SOUZA, M. V. R.; SALVADOR, A. P.; OLIVEIRA, L. F. A.; Sexismo, misoginia e LGBTQfobia: desafios para promover o trabalho inclusivo no Brasil, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290414>
- FERREIRA, M. J. P.; BEZERRA, J. A. X.; SILVA, K. V.; CERANI, R. B.; LOPES, D. T. Preconceito no futebol feminino no Brasil: uma revisão narrativa. **Revista Diálogos em Saúde**. Vol. 1. Núm. 2. 2018.
- FLAUSINO, Márcia Coelho. **Mídia: Sexualidade e identidade de gênero**. Trabalho apresentado no NP. 13 - Núcleo de Pesquisa Comunicação das minorias, XXV Congresso anual em Ciência, 2000.
- FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, V. 25, n. 50, p.315-328, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012. Acessado em 01 out. 2023.

GOELLNER S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, vol. 19, n. 2, p.143-51, 2005. Disponível em: <www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303>. Acessado em 01 out. 2023.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**. V. 8, n 1, p. 85-100, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/87003>. Acessado em 01 out. 2023.

GOELLNER, Silvana MULHER E ESPORTE NO BRASIL: ENTRE INCENTIVOS E INTERDIÇÕES ELAS FAZEM HISTÓRIA. **Pensar a Prática** 8/1: 85-100, jan./jun. 2005

LIONCO, T. et al. Ideologia de gênero: estratégia argumentativa que forja cientificidade para o fundamentalismo religioso. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 599-621, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 nov. 2023.

MIRAGAYA, Ana. As mulheres nos Jogos Olímpicos: participação e inclusão social. **RUBIO, K. Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**, v. 1, p. 229-231, 2007.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico desportivas: da segregação à democratização. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.6, n. 13, p. 5-18, 2000.

NOGUEIRA, C.S **A MULHER NOS JOGOS OLÍMPICOS**. 2004. Disponível em :[A mulher nos Jogos Olímpicos - Webrun | Corrida, saúde, qualidade de vida](#).

PARDO, A. L. Questões de gênero e o futebol feminino no Brasil. **Revista Mais que Amélias**, 2ª Edição, 2015.

REIS, T.; EGGERT, E.. IDEOLOGIA DE GÊNERO: UMA FALÁCIA CONSTRUÍDA SOBRE OS PLANOS DE EDUCAÇÃO BRASILEIROS. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 138, p. 09–26, jan. 2017.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W.. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 2, p. 303–311, abr. 2016.

SILVA, F. I. C. da; ALMEIDA, D. M. F. de. MASCULINIDADES NO ESPORTE: O CASO DO RUGBY. **Movimento**, [S. l.], v. 26, p. e26041, 2020. DOI: 10.22456/1982-8918.94214. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/94214>. Acesso em: 9 jun. 2023.

SOARES, C. L. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. **Movimento**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 125–147, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2814. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2814>. Acesso em: 24 out. 2023.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48. 2007.

SOUZA, L. M. de; MAUX, A. A. B.; REBOUCAS, Melina Séfora Souza. Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 282-293, dez. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000300007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 nov. 2023. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2019v25n3.7>.

TEIXEIRA, S. L. F.; CAMINHA, O. I. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Revista Movimento**, Porto Alegre. Vol. 19. Núm. 1. p. 265-287. 2013.

ZULQUES, Danielle. **O machismo no futebol – IREE**. IREE, 2023. Disponível em: <<https://iree.org.br/o-machismo-no-futebol/>>. Acesso em: 8 nov. 2023.